

FORMAS DE CONVÍVIO E MORADIA NO POVOADO SÃO MIGUEL DOS CORREIAS, BRASIL

Andrea Garcez de Farias¹; Frederico Lago Burnett²

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UEMA, São Luís, MA, Brasil

¹andreagarceez@gmail.com; ²fredlburnett@gmail.com

Palavras-chave: habitação rural, Cajari, Maranhão, identidade sociocultural, taipa de mão

Resumo

Estado do Brasil com maior índice de população rural (mais de dois milhões de habitantes), o Maranhão tem nas construções em taipa de mão uma alternativa habitacional para milhares de famílias pobres que recorrem à autoconstrução para conseguirem um abrigo. O povoado de São Miguel dos Correias, no Município de Cajari, Maranhão, faz parte do Território Quilombola de Camaputua e está dentro da realidade em que os moradores adotam a construção em taipa de mão para a resolução da sua carência habitacional. O objetivo deste trabalho é identificar a realidade socioeconômica da comunidade do povoado de São Miguel dos Correias, demonstrar o valor cultural e o potencial construtivo de habitações de taipa de mão dessa comunidade que, sem recursos financeiros ou acesso ao mercado da construção civil, autoconstróem suas casas com materiais extraídos da natureza, adequando-os aos seus modo de vida e trabalho; e demonstrar os saberes de técnicas tradicionais que esta população adquiriu. A pesquisa científica envolveu estudos bibliográficos e trabalho de campo sobre moradia rural no povoado em questão, para identificar modos de vida e de trabalho da população, relações da moradia com as atividades produtivas exercidas dentro e fora da casa, métodos de construção, manutenção e ampliação da moradia. Foram aplicados questionários sobre composição familiar, cotidiano e atividades desenvolvidas no interior da moradia, além de registros fotográficos e arquitetônicos, identificando materiais, mobiliário e utensílios domésticos existentes na moradia e nas edificações anexas. Concluiu-se que extrair materiais da natureza e utilizar técnicas que dominam para autoconstrução de moradias representa uma estratégia de sobrevivência para famílias rurais de baixa renda do Maranhão, demonstrando seu padrão econômico e sua condição sociocultural. A taipa de mão permite autonomia no tamanho, distribuição e ampliação dos ambientes, com baixo custo de manutenção.

1 INTRODUÇÃO

O espaço rural maranhense possui mais de 2 milhões de habitantes, cerca de 36% da população do estado, o maior percentual de população rural do país, segundo dados do IBGE (2010). Contudo, a grande maioria da população rural maranhense vive em condições precárias, em uma realidade de miséria e exclusão socioprodutiva. Fazendo um comparativo entre Brasil e Maranhão, segundo dados colhidos pela Fundação João Pinheiro (Déficit habitacional no Brasil 2015, 2018), em relação a moradias precárias no ambiente rural, o déficit habitacional maranhense é bem maior em relação ao Brasil (80,4% no Maranhão contra 54,9% no Brasil). No que diz respeito à coabitação no meio rural, o Maranhão também sai à frente, tendo 27,7%, enquanto o Brasil tem um déficit de cerca de 13,3%. Visto isso, torna-se necessário um estudo do espaço rural maranhense e da habitação produzida neste, já que apesar dos números serem alarmantes, os estudos existentes sobre a moradia rural maranhense ainda são escassos.

Entendendo como moradia rural a casa e o sítio em que a mesma está inserida com seus anexos, o presente trabalho propõe um estudo que contribua para a compreensão da produção e uso da moradia rural, no cenário do povoado de São Miguel dos Correias, no município de Cajari, localizado na Baixada Maranhense. Conhecer o espaço da moradia rural – casa e terreno com seus anexos – é aprender sobre a forma de produção e reprodução no espaço rural.

2 OBJETIVO

Identificar a realidade socioeconômica da comunidade do povoado de São Miguel dos Correias, no Município de Cajari, Maranhão; demonstrar o valor cultural e o potencial construtivo de habitações de taipa de mão dessa comunidade que, sem recursos financeiros ou acesso ao mercado da construção civil, autoconstróem suas casas com materiais extraídos da natureza, adequando-os aos seus modos de vida e trabalho; e demonstrar os saberes de técnicas tradicionais que esta população adquiriu.

3 METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos antes descritos foram realizadas as seguintes atividades: a pesquisa indireta, que corresponde à base teórica e estudos bibliográficos, além do levantamento histórico e dados socioeconômicos da região; e a pesquisa direta, correspondendo ao trabalho de campo, onde foram levantados dados *in loco* sobre moradia rural no povoado de São Miguel dos Correias, povoado rural do município de Cajari, estado do Maranhão, Brasil. A pesquisa direta procurou identificar modos de vida e de trabalho da população, relações da moradia com as atividades produtivas exercidas dentro e fora da casa, métodos de construção, manutenção e ampliação da moradia. Foram aplicados questionários sobre composição familiar, cotidiano e atividades desenvolvidas no interior da moradia, além de registros fotográficos e arquitetônicos, identificando materiais, mobiliário e utensílios domésticos existentes na moradia e nas edificações anexas. Utilizou-se de uma amostragem de 10 famílias do povoado de São Miguel dos Correias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O povoado de São Miguel dos Correias

O povoado de São Miguel dos Correias faz parte do Território Quilombola de Camaputiua, composto por mais 25 comunidades e está localizado no município de Cajari, Mesorregião Norte Maranhense, a 14 km da sede municipal, que dista 200 km na direção sudoeste de São Luis, Capital do Estado.

Em relação ao território onde está inserido, o povoado é cercado por vários corpos d'água, como a grande lagoa perto do município de Centralzinho (1,5 km de distância), a Lagoa Cajari (5 km de distância), o Lago de Viana (4 km de distância), além da proximidade com diversas outras que cortam o território do povoado. Isso se dá pelo fato do povoado estar inserido em uma área alagável e na Região dos Lagos. A figura 1 corresponde ao mapa da localização do povoado no seu município.

Santos (2015) informa que, em entrevista realizada em 2014, Ednaldo Padilha¹ discorreu sobre a chegada dos fazendeiros ao território em 2000, e que, a partir deste momento, atividades como fazer a roça e criar o suíno ficaram difíceis, visto as constantes ameaças dos fazendeiros e a privatização por meio do cercamento de áreas utilizadas para essas atividades. Esse processo de cercamento de grandes áreas trouxe transtornos e impactos negativos às famílias quilombolas que dependiam dos recursos naturais para a sobrevivência, além de que a mobilidade, que antes era livre por dentro desses terrenos, não foi mais possível, acarretando no aumento do deslocamento, pois as cercas chegaram até aos acessos das comunidades. Um fator preocupante é o aparecimento das cercas eletrificadas que representam um grande perigo para os quilombolas, pois aumentam ainda mais os conflitos existentes no território e exigem constantes vigilâncias, visto que os fazendeiros deslocam estas a fim de aumentarem as suas propriedades e, conseqüentemente, diminuem as áreas de produção de roças da comunidade e dos campos naturais.

¹ Mais conhecido como "Cabeça", liderança do Quilombo de Camaputiua, Cajari, Maranhão, Brasil.

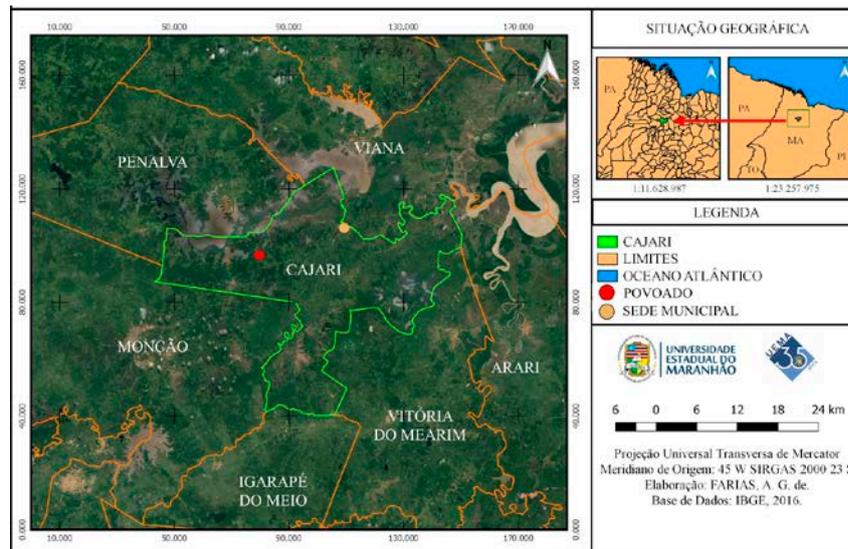


Figura 1: Localização do município de Cajari, incluindo o povoado de São Miguel dos Correias (Fonte: Latese²)

Em relação às moradias do município, de acordo os levantamentos do ano de 2013 do Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB)³, Cajari possui cerca de 38,42% das casas feitas de taipa de mão sem revestimento, já casas com taipa de mão revestida somam 8,17%. Casas feitas de tijolo cerâmico somam 32,15%, madeira 8,46%, construídos com material impróprio 5,98% e outros materiais 6,82%. Ou seja, quase metade de todas as moradias de Cajari é feita em taipa de mão.

Em relação à organização espacial, o povoado está basicamente ao lado de um curso d'água, possuindo um núcleo central e casas mais espaçadas na via principal de acesso à sede municipal e a outros povoados. Neste núcleo central destaca-se um grande espaço livre, com piso de areia, que possui usos diversos, como o campo de futebol no fim da tarde, que garante o lazer de homens, mulheres e crianças, além de também servir como espaço para festejos.

Em relação a produção, as atividades extrativistas são comuns no povoado. Destaque para a agricultura de subsistência, feita no quintal da própria casa, caracterizada pela existência de plantações de mandioca, milho e feijão, além da presença de pequenas hortas, ou a roça, feita fora do lote, e alguns moradores que também trabalham com o babaçu. A prática da pesca é algo corriqueiro.

O abastecimento de água é feito por rede geral e poço ou nascente localizada na própria propriedade. A população também dispõe de energia elétrica. Quanto aos cuidados, tratamento e descarte do lixo, ele é queimado, enterrado ou ambos. Já em relação ao esgotamento sanitário, é mais comum a utilização da sentina⁴ com fossa rudimentar (anexo no ambiente exterior da moradia).

Em São Miguel dos Correias também há a presença de alguns equipamentos comunitários, como uma escola municipal e lugares utilizados para se fazer alguma reunião da comunidade, como são os casos da igreja, do rio e do açazeiro⁵. Contudo, devido à carência de outros equipamentos, a população se desloca para outras localidades (como a

² Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Brasil.

³ Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=Maranhao-tem-o-maior-percentage-de-casas-de-taipa-sem-revestimento-102-vezes-acima-da-media-do-Pais>

⁴ vaso sanitário, latrina, cloaca

⁵ Palmeira nativa da Amazônia que produz o fruto açai. No caso do povoado, é o local onde existe a grande incidência dessa palmeira.

sede municipal ou a cidade de Penalva) em busca de serviços de saúde, comércio, e outros. O posto de saúde utilizado pela população de São Miguel dos Correias localiza-se em outro povoado, chamado Ladeira. Esse deslocamento é feito, em sua maioria, por automóvel, geralmente de cabine dupla.

4.2 As moradias rurais do povoado

No que se refere às moradias rurais vistas nestas regiões do Estado, percebe-se claramente o que expresso por Costa e Mesquita (1978, p. 9),

Morar constitui uma necessidade básica do homem. Ao construir a habitação, ele lhe imprime o próprio padrão econômico e sua condição sociocultural, utilizando, geralmente, o material fornecido pela natureza que o cerca, de acordo com as técnicas que ele domina. Isto se evidencia claramente no caso da habitação rural, objeto do presente estudo.

Maricato (1982) ainda diz que a autoconstrução surge então como alternativa ou “arquitetura possível”, pois geralmente famílias que se utilizam deste método estão total ou parcialmente impossibilitadas ao acesso ao mercado da construção civil.

Os materiais empregados nas habitações rurais maranhenses estão diretamente ligados à abundância de vegetação e solo característicos de cada região. A técnica tradicional empregada no povoado estudado é a taipa de mão⁶.

4.3 Tipos de plantas baixas e características gerais das moradias

Analisando as plantas baixas das casas estudadas, perceberam-se características comuns em relação à localização dos cômodos: sala, e às vezes sala e quarto na parte da frente da moradia, cozinha e demais quartos em um ponto intermediário e a meia-água⁷ imediatamente aos fundos. São poucas casas de fogem desse esquema, podendo não ter a meia-água, ou que esta esteja na parte lateral da moradia. Outro ponto que merece atenção é o fato de o corredor não ser um elemento comum. O dimensionamento das casas, bem como a quantidade de quartos, varia de acordo com o número de residentes e também com os recursos de cada família. Segue abaixo as plantas esquemáticas das casas estudadas, exemplificando a distribuição e tipos dos usos nas referidas moradias.

Os quartos são os espaços destinados ao recolhimento familiar, sendo nestes guardados os objetos pessoais. As famílias dormem em camas ou redes, sendo este último o elemento que se encontra com mais incidência.

A sala é local de visita e de descanso, também podendo ser considerado um ambiente de recolhimento, visto que também é utilizado pelos integrantes da família como espaço para dormir, onde as redes são armadas. Na sala, a decoração é garantida pelas fotos da família, calendário, imagens de santos, espelhos, dentre outros elementos. A cortina na parede aparece como elemento que remete à pintura, dando um aspecto singular.

⁶ A taipa de mão, de sebe, sopapo, taponá, pau a pique, dentre tanto outros termos, é definida como “um sistema de construção de enchimento de uma estrutura de suporte, [...] essa técnica consiste no revestimento com terra de estruturas em grade de madeira ou noutro material [...] no Brasil [recebeu o nome] de taipa fasquio ou pau a pique.” (Fernandes, 2006, p. 23)

⁷ Ou alpendre, definido por Piccini (1996, *apud* Pinheiro, 2011, p. 37), “quando [o alpendre ou, nesse caso, a meia-água] abriga objetos de uso diário, como fogão, geladeira e ferramentas, funciona como um apêndice da moradia, correspondendo a uma extensão do espaço interno da cozinha”.



Figura 2: Zonificação dos ambientes de casas estudadas em São Miguel dos Correias (Fonte: Latese)

Figura 3: Uso dos ambientes das casas estudadas em São Miguel dos Correia (Fonte: Latese)

A cozinha é o ambiente de produção e consumo, onde estão localizados os fogões a gás (quando a família possui), geladeira, pia para lavagem de louças, armário e a mesa. Este espaço não é utilizado apenas para o preparo das refeições, mas também como um espaço de interação e convívio entre os familiares. Nesse ambiente também pode ser encontrado o jirau, estrutura montada para o auxílio da lavagem da louça. A cozinha pode ser seguida pelo paiol, alpendre ou “meia-água” (como os moradores chamam), que se refere a um local de apoio à cozinha, onde fica localizado o fogão à lenha, ferramentas, e também pode ser utilizado como depósito. A meia-água é um elemento bem comum nas moradias estudadas, e geralmente há um desnível de piso, marcando a transição de cômodo, além de possuir cobertura de palha e “paredes” de galhos compridos de madeira, criando um ambiente vazado e iluminado.

Em relação às áreas dos ambientes, foi verificado que os quartos variam entre 5 m² e 11 m²; as salas entre 6 m² a 13 m²; a cozinha entre 8 m² a 13 m²; e a “meia-água” entre 5 m² a 12 m². Os cômodos com maiores variações de tamanho foram a “meia-água” e as salas.

O mobiliário das casas é simples, onde em geral na sala se encontra algumas cadeiras, muitas vezes de plástico, uma vez ou outra existe a presença de sofá; também existem pequenos móveis que suportam a televisão, que geralmente são acompanhadas de antenas parabólicas no lado externo. Na sala são expostos quadros com fotografias da família nas paredes e que trazem uma decoração particular para o local. Nos quartos se encontram principalmente camas, redes e guarda-roupas. Na copa e na cozinha percebe-se a presença de mesa e cadeiras, algumas vezes de pequenos armários, do filtro de barro (cerâmico), das panelas colocadas na parede que demonstram o cuidado que as mulheres têm de mantê-las areadas⁸ e organizadas, e em alguns casos se tem o fogão a gás, mas é predominante a existência do fogão de barro a lenha. São observados na casa móveis industrializados, assim como os que os próprios moradores fabricam.

⁸ Limpar ou polir, esfregando com areia ou algo similar (Dicionário online)

4.4 Fachadas, revestimentos e esquadrias

A tipologia predominante do povoado de São Miguel dos Correias é a casa de taipa de mão, sendo que existem variações: algumas apresentam a taipa revestida somente na fachada principal e outras, além da fachada, contam com esse acabamento nos ambientes internos, constatando-se que o revestimento da taipa de mão não é predominante, aparecendo somente em 20% das fachadas e ainda menos nos ambientes internos sociais nas 10 casas estudadas.

Geralmente o chão é de terra batida e poucos são os cômodos com piso cimentado que, quando aparece, se restringe à sala e cozinha.



Figura 4: Casa de taipa de mão revestida na fachada, São Miguel dos Correia (Fonte: Latese)

Sobre as esquadrias das casas, as portas de madeira são utilizadas basicamente no cômodo de entrada (sala) e saída da casa (cozinha/copa), sendo que a privacidade dos ambientes internos é garantida por cortinas. As janelas são de madeira ou ripas de madeira.

4.5 Coberturas

Nas casas do povoado, há presença de coberturas de telha cerâmica e de palha [geralmente são retiradas da palmeira pindoba (*Attalea oleifera*)]. O telhamento cerâmico representa um desejo comum das famílias, visto que cobertura de palha exige manutenção frequente e a incidência da palmeira pindoba na região está cada vez rara. Além disso, aqueles que possuem a casa com telhado cerâmico e madeiramento demonstram que estão em condição financeira melhor do que os demais. Contudo, o mais comum é a casa construída inicialmente com o telhado de palha, e depois ter a cobertura substituída pelo telhado cerâmico, conforme melhorar a condição financeira do morador. Outra característica comum é a cobertura com telhado cerâmico no corpo principal e com palha na meia-água, com variação do pé-direito nos respectivos cômodos. A empena⁹ pode ser de taipa de mão ou fechamento com palha.

⁹ parte da parede em formato triangular que dá forma e caimento do telhado

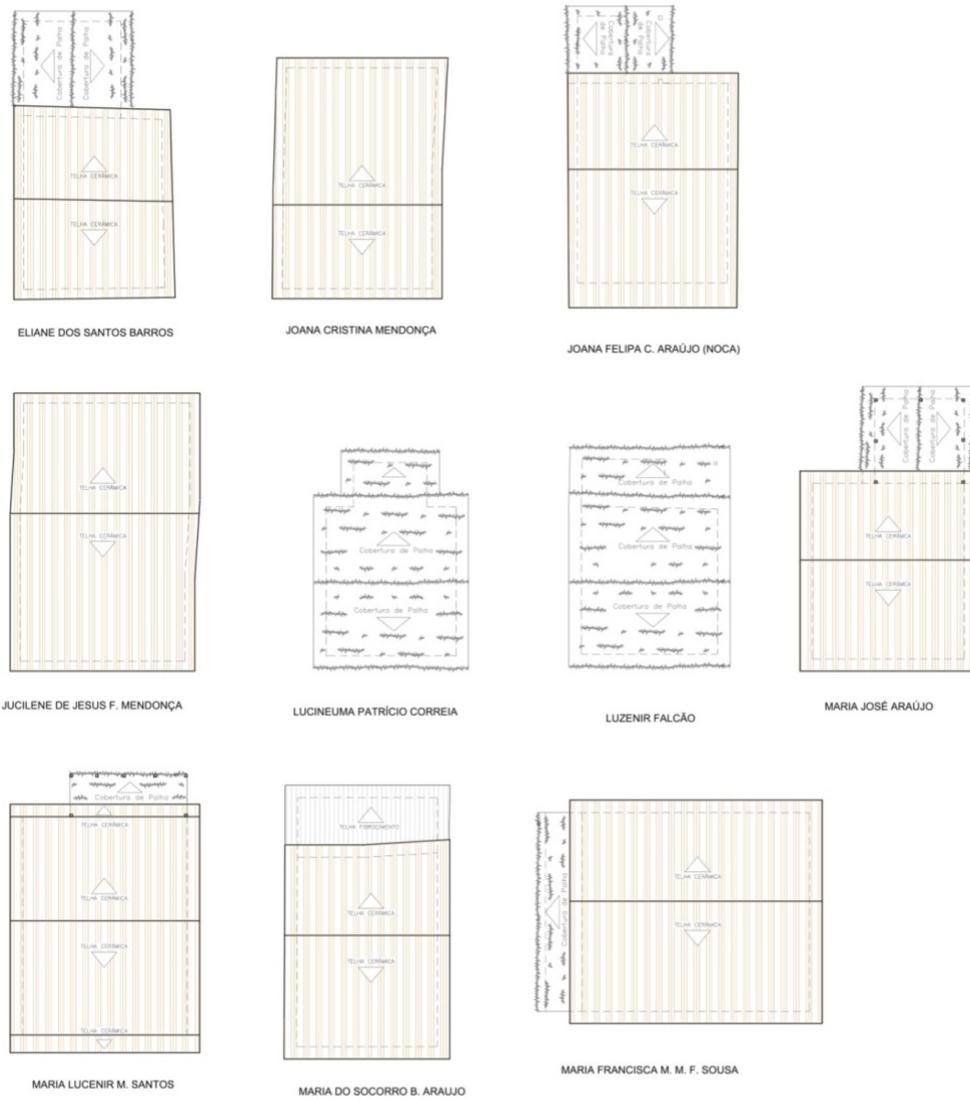


Figura 5: Tipos de cobertura das moradias estudadas, São Miguel dos Correia (Fonte: Latese)

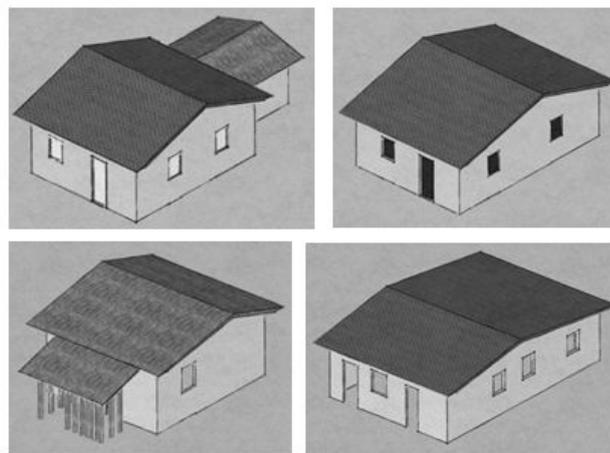


Figura 6: Coberturas e volumetrias – maquetes 3D dos tipos, São Miguel dos Correia (Fonte: Latese)

4.6 O exterior das moradias

O espaço externo da casa corresponde ao espaço público do lote familiar. É nesse entorno também que brincam as crianças e onde ocorrem as reuniões familiares e conversas com vizinhos, além de ser o espaço destinado aos anexos, que são elementos complementares nos afazeres familiares, e ficam no quintal, podendo também ser compartilhados com mais de uma família.

O sítio do morador rural é a clara expressão do modo de produção da vida, em que a casa é, ao mesmo tempo, morada e meio de produção de alimento. No meio rural o sentido de morar não se restringe somente aos limites físicos das paredes da casa. A relação com o entorno, com o exterior, não pode ser excluído desse processo de compreensão. Nesse sentido, tem-se a “casa-quintal” pois, segundo Arruda (2007, p.78), “é no exterior da casa que parte do trabalho da família se espacializa”.

Existe a criação de animais nos quintais, sendo comuns cães, jumentos, galinhas e porcos, havendo anexos para o galinheiro e chiqueiro. Outro anexo encontrado nos lotes são os depósitos, feitos com troncos ou hastes de madeira, com cobertura de palha e que servem como local para guardar apetrechos relacionados ou não com a manutenção da casa, abrigando materiais, tralhas ou até mesmo as colheitas da roça. Também existe a casa de farinha, anexo construído no quintal com cobertura de palha e estrutura de madeira, sem paredes. Esse último anexo não aparece com tanta frequência, mas quando se faz presente, é compartilhada com todos os membros da família. Todos os parentes participam e ajudam a garantir o alimento plantando, colhendo e a realizando os processos para o preparo da farinha. Existem também a sentina e a casa de banho.

A varanda, quando existe, é um espaço aberto “[...] quase sempre em um ângulo da fachada principal. [...] sendo coberta com o mesmo telhado da casa [...] ocupando o lugar de um cômodo, com usos principalmente de lazer e descanso, não sendo exercido nela nenhum tipo de trabalho doméstico cotidiano.” (Piccini, 1996 *apud* Pinheiro, 2011, p.37).

Em referência à produção de alimentos que as famílias geram em seus lotes, se tem plantações de árvores frutíferas, que auxiliam na alimentação da casa, além de proporcionarem sombras no terreno, o que favorece para uma agradável sensação térmica. Além disso, há o cultivo de hortaliças em pequenos canteiros elevados. É importante entender que no espaço rural não é incomum a relação entre a moradia e a produção familiar. Segundo Arruda (2007, p. 66), o conceito de produção camponesa é parte da lógica da produção familiar, da produção simples de mercadoria, onde a força de trabalho da família é predominante no grupo doméstico. Geralmente toda a família está envolvida no processo de produção, salvo os idosos e as crianças. Aqueles que estudam ajudam nas atividades no seu tempo livre ou nas férias. Nesse sentido, tem-se a família como uma unidade de produção e consumo.

Os anexos descritos possuem tamanhos variados, mas se nota que há certo padrão nas dimensões e materiais usados (palha) dos locais para o banho e a sentina. Os anexos costumam ser feitos de taipa de mão ou ripas de madeira com cobertura de palha. Relacionando à disposição dessas edificações no espaço e ao afastamento destes da casa principal, pode-se dizer, em termos gerais, que: a horta, a área para banho e o jirau são os que se encontram mais próximos da morada, seguidos pelas plantações, galinheiro, chiqueiro e demais anexos, e por último a sentina, sendo a mais afastada da casa principal.

Outro espaço importante na comunidade corresponde ao quintal que, segundo Arruda (2007) configura-se como um acesso a outros espaços utilizados pelo camponês. Inicialmente, ele escapa à vista de um observador externo, mas possui atalhos que ligam uma casa a casa de outro parente, ou a um riacho de onde se pesca o necessário para o dia, ou a uma área que conduz à coleta de coco.

5 CONCLUSÕES

Perante o desconhecimento generalizado sobre os modos de vida de comunidades camponesas no Brasil, que vivem em precárias condições de reprodução, este artigo procurou contribuir para a compreensão da produção e uso do espaço da moradia rural maranhense, enquanto ambiente de vida e trabalho familiares, tomando como estudo de caso o cenário do povoado de São Miguel dos Correias, no município de Cajari, Maranhão. A necessidade de pensar políticas públicas de habitação condizentes com tal realidade exige ultrapassar dados estatísticos e, principalmente, preconceitos que levam a modelos alheios ao cotidiano rural que, ainda com uma moradia adequada, continuarão vivendo sob condições adversas.

O estudo da tipologia arquitetônica do povoado demonstra a variedade de situações espaciais, desafiando os padrões massivos dos programas estatais e impondo a necessidade de pensar alternativas capazes de, respeitando as diversidades familiares e produtivas, oferecer moradias que efetivamente contribuam para qualificar as condições de vida local.

Mas, cabe ressaltar um aspecto que, implicitamente, se impõe como condição mais relevante no estudo da comunidade: a autonomia dos moradores que, à margem do mercado e do apoio estatal, encontram soluções criativas e compatíveis com situações de precariedade social. Ainda que do ponto de vista técnico, as limitações das edificações autoconstruídas sejam evidentes a olho nu, as soluções para o problema da moradia rural devem assegurar a permanência desta capacidade de autodeterminação das comunidades, o que exige colocar os moradores rurais como sujeitos ativos e decisivos dos processos de qualificação habitacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arruda, A. F. (2007). O espaço "concebido" e o espaço "vivido" da moradia rural: políticas públicas x modo de vida camponês. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Costa, I. B. da; Mesquita, H. M. (1978). Tipos de habitação rural no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE
- Déficit habitacional no Brasil 2015 (2018). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Diretoria de Estatística e Informações. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/direi-2018/estatistica-e-informacoes/797-6-serie-estatistica-e-informacoes-deficit-habitacional-no-brasil-2015/file>>
- Fernandes, M. (2006). Técnicas de construção em terra. Terra: Forma de Construir. Architectura. Antropologia. Arqueologia-10a Mesa Redonda de Primavera, p. 20–25
- Maricato, E. (1982). Autoconstrução, a arquitetura possível. In: Maricato, E. (org). A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Editora alfa-ômega, p. 71-93.
- Pinheiro, A. P. S. C. (2011). Modo de olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Santos, D. dos (2015). Identidade étnica e territorialidade: a luta pela titulação definitiva do território quilombola de Camaputua, Cajari, MA. Dissertação de mestrado. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, FAPEMA, pelo apoio financeiro através do Edital Tecnologia Social - TECs 2015-2016 e do Edital Universal 2017-2019 para realização de pesquisas sobre moradia popular urbana e rural no Maranhão.

AUTORES

Andrea Garcez de Farias: Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), atuou como bolsista de Iniciação Científica na pesquisa "Formas de produção e

uso da moradia popular tradicional urbana e rural no Maranhão” pelo Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos - LATESE do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEMA. Currículo completo em <http://lattes.cnpq.br/9446551790790080>

Frederico Lago Burnett: Graduado em Arquitetura, Universidade de Buenos Aires, Argentina, Mestre em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Doutor em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e da Pós-graduação (Mestrado) em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, UEMA, Coordenador do Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos - LATESE. Currículo completo em <http://lattes.cnpq.br/9094745284365149>